



EDITORIAL

POR: PE. NORBERTO BRUM,
Director Diocesano da Pastoral Juvenil

Com a maior das facilidades catalogamos e rotulamo-nos uns outros como quem coloca rótulos em determinado produto: uns próprios e outros impróprios para “consumo”. Facilmente fazemos uma separação, que julgamos natural, partindo dos nossos critérios e da nossa lógica onde, de um lado, colocamos os amigos e amiguinhos e demais convenientes e, do outro, os “non gratos”, os a evitar e, se tal fosse possível, colocaríamos na caixinha do “não-ente” ou na pasta do “spam”, isto porque não conseguimos carregar na tecla “delete”. E assim, quase ao jeito de um clube ou de uma associação, se vai construindo duas realidades: os bons e os maus, os “santos” e os “pecadores”. Pode haver clubes, e os há, mas nunca de “perfeitos”!

Para uns alvitramos prosperidade, felicidade e demais coisas boas, para outros, imploramos “fogo do céu” que os destrua, uma justiça justiceira, de mão pesada, castigos pelo mal cometido! E à conta de uma lógica sem lógica, em nada evangélica e francamente desumana, muito “trigo” se tem perdido e muito “joio” se tem recolhido! À pala de uma separação anticristã e anti-humana, verdadeiramente indigna de quem somos e altamente vergonhosa, muita gente deixa de ser gente e muita pessoa, pessoa não se sente! E julgamos ser isto natural e evidente!

“Ninguém é tão bom, tão bom que não tenha nada de mau; e ninguém é tão mau, tão mau, que não tenha nada de bom”. Mas gostamos sempre, ou quase sempre, de evidenciar o negativo e o mau, dos outros, claro! Se calhar estamos a faltar espelhos de qualidade superior!

Somo impacientes com as fraquezas dos outros, intolerantes mesmo e quando não podemos resolver o “assunto” pelas nossas próprias mãos, recorremos a Deus solicitando a Sua infalível justiça! Quanto a nós, “perdoai-nos, Senhor”!

A força de Deus nunca, mas nunca mesmo, por mais que peçamos, é exercida para abater e castigar quem quer que seja. Pelo contrário, é sempre exercida como poder de salvação, de regeneração, porque “é eterna a Sua misericórdia”!

Na lógica do “Reino” não existem bons nem maus mas apenas e só filhos de Deus. A lógica não é de exclusão, por maior que seja o pecado, mas de inclusão e, se excluídos do coração do homem, terna e eternamente incluídos no coração de Deus, ali todos são iguais e tratados com o mesmo amor, porque todos beneficiários de um amor maior, verdadeiramente libertador e salvador.

Há joio? Sim, há! Mas há em ti e em mim, em nós e, por nós, nas nossas realidades.

Mas a garantia é que, um dia, ele será queimado e destruído. Até lá, cabe-nos fazer crescer o “trigo” que em nós foi semeado, fazer o “trigo” crescer nas nossas realidades e vivências, fazê-lo cada vez mais forte, defendendo-o do “joio” que, indevidamente, se foi e vai apoderando do nosso ser, pensar e agir. Pena que valorizemos tanto o “joio” em detrimento do belo “trigo” que, nem que seja em semente, está em todos e em cada um.

Como nos diz a Escritura, o “Senhor é lento para a ira e cheio de compaixão. Contrariamente ao Senhor, somos rápidos e mordazes para o julgamento, para a condenação e para a exclusão e cheios de vontade de... mandar pró inferno!

Graças a Deus que os Seus mandos são sempre para o Seu coração e para os Seus braços amorosos.

Há lógicas e critérios que têm de ser alterados! Já é mais que tempo!

afetos

Pastoral Juvenil • Diocese de Angra

PALAVRA COM VIDA

XVI DOMINGO DO TEMPO COMUM

Ano A

1ª Leitura Sabedoria 12, 13.16-19

«Após o pecado, dais lugar ao arrependimento»

2ª Leitura Romanos 8, 26-27

«O Espírito intercede por nós com gemidos inefáveis»

Evangelho São Mateus 13, 24-43

«Deixai-os crescer ambos até à ceifa»

A liturgia da Palavra deste 16º Domingo do Tempo Comum convida-nos a descobrir o Deus paciente e cheio de misericórdia, a quem não interessa a marginalização do pecador, mas a sua integração na comunidade do “Reino”; e convida-nos, sobretudo, a interiorizar essa “lógica” de Deus, deixando que ela marque o olhar que lançamos sobre o mundo e sobre os homens.

A primeira leitura fala-nos de um Deus que, apesar da sua força e onipotência, é indulgente e misericordioso para com os homens - mesmo quando eles praticam o mal. Agindo



dessa forma, Deus convida os seus filhos a serem “humanos”, isto é, a terem um coração tão misericordioso e tão indulgente como o coração de Deus.

O Evangelho garante a presença irreversível no mundo do “Reino de Deus”. Falar do “Reino” não significa falarmos de um “condomínio fecha-

do”, pois esse “Reino” não é um clube exclusivo de “bons” e de “santos”: nele todos os homens - bons e maus - encontram a possibilidade de crescer, de amadurecer as suas escolhas, de serem tocados pela graça, até ao momento final da opção definitiva. Falar do “Reino” é falar de uma realidade em processo de construção, onde cada homem e cada mulher têm o direito de crescer ao seu ritmo, de fazer as suas escolhas, de acolher ou não o dom de Deus, até à opção final e definitiva. É falarmos de uma realidade onde o amor de Deus, vivo e actuante, vai introduzindo no coração do homem um dinamismo de conversão, de transformação, de renascimento, de vida nova. Não percamos nunca de vista a “paciência” de Deus para com os pecadores: A “paciência de Deus” com o joio convida-nos também a rejeitarmos as atitudes de rigidez, de intolerância, de incompreensão, de vingança, nas nossas relações com os nossos irmãos.

A segunda leitura sublinha, outra forma, a bondade e a misericórdia de Deus. Afirma que o Espírito Santo - dom de Deus - vem em auxílio da nossa fragilidade, guiando-nos no caminho para a vida plena.

SABIAS QUE...



... a Ordem é um dos sete Sacramentos da Igreja?

Segundo o Catecismo da Igreja Católica, a Ordem “é o sacramento graças ao qual a missão confiada por Cristo aos Apóstolos continua a ser exercida na Igreja, até ao fim dos tempos: é, portanto, o sacramento do ministério apostólico, compreendendo três graus: o episcopado, o presbiterado e o diaconado”.

O rito essencial do sacramento da Ordem é constituído, para os três graus, pela imposição das mãos, por parte do bispo, sobre a cabeça do ordinando, bem como pela oração consecratória específica, que pede a Deus a efusão do Espírito Santo e dos Seus dons apropriados ao ministério para que é ordenado o candidato, sendo que são os bispos validamente ordenados a possuir a faculdade de conferir os três graus do sacramento da Ordem.

Na igreja latina, apenas os homens baptizados podem

receber a sagrada ordenação, seguindo o princípio e critério aplicado por Jesus na formação do colégio dos Doze Apóstolos, e o que estes últimos seguiram na escolha dos seus sucessores. Assim, o Colégio dos bispos, a que os presbíteros estão unidos no sacerdócio, torna presente e actualiza, até que Cristo volte, o Colégio dos Doze, sentindo-se a Igreja vinculada a essa escolha de Cristo.

A ordenação de mulheres não é possível. Todos os ministros ordenados da Igreja latina, à excepção dos diáconos permanentes, são normalmente escolhidos entre homens crentes que vivem celibatários e têm vontade de guardar o celibato «por amor do Reino dos céus».

Chamados a consagrarem-se totalmente ao Senhor e às «Suas coisas» dão-se por inteiro a Deus e aos homens.

Uma realidade diferente é, validamente, vivenciada pelas Igrejas de rito oriental. Este é, pois, um sacramento que ninguém se pode arrogar no direito de receber, uma vez que se é chamado a ele por Deus, cabendo àquele que julga reconhecer em si sinais do chamamento divino ao ministério ordenado, submeter, humildemente, o seu desejo à autoridade da Igreja, incumbida da responsabilidade e do direito de chamar alguém para receber as Ordens.

Como toda e qualquer graça, este sacramento só pode ser recebido como um dom imerecido. Rezemos, pois, por todos aqueles que se oferecendo, totalmente, a Deus e aos irmãos aceitam dar um sim definitivo a Jesus no desafio de evangelização dos povos.

POR CÁ

Pastoral Juvenil Diocesana prossegue encontros com equipas

Promovidos pelo Serviço Diocesano de Apoio à Pastoral Juvenil, continuam a decorrer encontros “online” com as Equipas Coordenadoras da Pastoral Juvenil de cada uma das ilhas dos Açores, tendo sido já realizados encontros com as equipas das ilhas das Flores, Pico, Graciosa, Terceira e de São Miguel, tendo, nesta, participado as equipas das diversas Ouvidorias daquela ilha, estando ainda por realizar o encontro com as Equipas das Ilhas do Corvo, Faial, São Jorge e Santa Maria.

Nestes encontros destaca-se a participação não só dos sacerdotes coordenadores como também a dos leigos que integram as respectivas equipas.

Estes encontros têm servido para conhecer e aprofundar de uma forma mais incisiva e concreta a realidade e especificidades da Pastoral Juvenil em cada uma das ilhas, ficando-se, deste modo, como uma ampla, mais concre-



ta e real visão do todo da Diocese. Tem-se vindo a escutar as aspirações, anseios, necessidades, dificuldades e desafios sentidos por cada uma das diferentes ilhas, auscultando-se ao mesmo tempo, sobre o que aquele Serviço Diocesano pode e deve fazer por todas e em todas as ilhas, em particular e no todo diocesano.

A par das dificuldades e dos desafios que a situação actual de pandemia tem provocado, a necessidade de mais e melhor formação de agentes de Pastoral Juvenil tem sido uma das maiores constatações, sendo mesmo apontado como prioridade para os próximos tempos. O como chegar a todos os jovens, como envolvê-los e comprometê-los mais na vida ordinária das Comunidades e como acompanhá-los tem sido outra constatação e desafio.

Uma vez concluídos os encontros com as equipas de todas as ilhas, terá lugar um encontro Diocesano, online, onde se “reunirão”, em simultâneo, as Equipas Coordenadoras de Pastoral Juvenil de toda a Diocese.

Quer-se, e acredita-se que, destes encontros, possa emergir e definir-se uma verdadeira e concreta caminhada diocesana de Pastoral Juvenil que envolva todos, particularmente os jovens, não esquecendo os diversos Movimentos e Grupos Juvenis. O itinerário que será proposto terá em conta, não apenas a Caminhada Sinodal que está a ser vivida em toda a Diocese como também a caminhada que será proposta pelo Comité Organizador da Jornada Mundial da Juventude rumo à Jornada Mundial da Juventude a realizar-se em 2023 em Lisboa.

POR LÁ

Comité Organizador Local JMJ 2023 reuniu-se em Braga



O Comité Organizador Local (COL) das Jornadas Mundiais da Juventude de 2023, que vão decorrer em Lisboa, reuniu-se na passada Segunda-feira, em Braga, tendo com objectivo principal a re-alendarização de actividades entretanto suspensas, por causa da pandemia.

O encontro foi presidido pelos dois coordenadores-gerais da JMJ 2023, D. Américo Aguiar (sector logístico-operativo) e D. Joaquim Mendes (área pastoral), bispos auxiliares de Lisboa, e congregou 38 representantes diocesanos.

A pandemia de Covid-19 forçou ao adiamento da Jornada Mundial da Juventude Lisboa 2022 para 2023, decisão anunciada pelo Vaticano a 20 de Abril.

“Esta reunião dá sequência aos trabalhos que estão a ser desenvolvidos no âmbito de cada uma das Dioceses”, disse D. Américo Aguiar. Segundo o responsável, as novas datas são relativas à “apresentação do hino, do logotipo e ao acolhimento dos símbolos das Jornadas em Roma”, a cruz e o ícone, que deveria ter acontecido no último Domingo de

Ramos.

D. Américo Aguiar espera que no final do Verão haja um hino e um logotipo preparados e que o acolhimento dos símbolos das Jornadas se realize por ocasião do Domingo de Cristo Rei (22 de Novembro).

“Depois temos trabalhos diversos, no que diz respeito à área pastoral, seja dos subsídios de reflexão pastoral, seja na área da comunicação. Há muitos temas, nos quais vamos trabalhando, apesar de faltarem três anos e mais uns meses”, acrescentou.

A JMJ realiza-se, anualmente, a nível local (diocesano) no Domingo de Ramos (ou em data a definida por cada diocese), alternando com um encontro internacional a cada dois ou três anos, numa grande cidade.

As edições internacionais destas jornadas promovidas pela Igreja Católica são um acontecimento religioso e cultural que reúne centenas de milhares de jovens de todo o mundo, durante cerca de uma semana.

ENTRE NÓS...

“Sentir-me escolhido, coloca-me de joelhos no chão”

O calendário gerou uma capicua ou palíndromo, isto é, um número ou conjunto de números cujo reverso é ele próprio: 07 07 07. Por isso, por todo o mundo muitos casais escolheram a data para casar, por superstição (dizem que estas datas dão sorte) ou pelo simbolismo bíblico do número 7 (a perfeição) que gerou a sequência da data. Em Portugal, no final do dia, foram escolhidas as 7 Maravilhas de Portugal e nos Açores, no Campo de São Francisco, àquela hora muitos estavam reunidos numa refeição fraterna a propósito das Festas do Divino Espírito Santo que decorria neste dia em Ponta Delgada.

Não foi por nenhum destes motivos que esta data se tornou especial para mim, nem fui eu que a escolhi, mas foi neste dia, mês e ano, 7 de Julho de 2007 que fui ordenado sacerdote, por D. António de Sousa Braga, na Igreja Paroquial em que fui Baptizado, a propósito das comemorações 50º aniversário de elevação do curato de Santa Clara a Paróquia.

Naquele dia, pensava que a escolha de

ser sacerdote era mais minha do que de Deus, passados 13 anos, estou convencido precisamente do contrário.

Ser sacerdote não é mérito, é graça divina. É integrar um grupo de homens que oferecem as suas vidas, por Cristo, com Cristo e em Cristo, para que a missão confiada pelo Mestre aos Apóstolos continue pela Igreja. É um privilégio em nome e na pessoa de Cristo servir o seu povo. É uma resposta livre a um chamado a que se responde, diariamente, com generosidade e imperfeição.

Em cada dia, descubro, de novo, o amor de Deus por mim, por todos, e é este Amor que me sustenta na vida sacerdotal. Sinto que a minha pequenez e fragilidades são fermento para Deus, e que o seu Reino só cresce quando me deixo envolver por Cristo o único e eterno sacerdote.

Diante da grandiosidade e beleza, a gratidão é o sentimento que cresce exponencialmente com o passar do tempo. Como diz o santo Cura d’Ars «Se bem se compreendesse o que o sacerdote é na



terra, morrer-se-ia, não de medo, mas de amor»

Por isso, sentir-me escolhido, coloca-me de joelhos no chão, porque é aí que

podemos responder ao que somos chamados.

Pe. Nuno Maiato